



Deliberação da Comissão do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural de Joinville	
Deliberação nº 075.2022	Data: 13.07.2022
Solicitante: Sociedade BENEFICENTE KÊNIA CLUBE	Localização: Rua Botafogo nº 255
Inscrição Imobiliária: 13.10.44.60.637	Origem do Processo: SECULT

ASSUNTO: Inventário do Patrimônio Imaterial – Sociedade Kênia Clube**ANÁLISE DA CPC:****1 - Categoria: Lugares**

Atendendo o § 1º do Decreto 21.529/2013 que regula a Lei Complementar 363/2011.

– valor singular; que possuem características que desempenham um papel enquanto meio de afirmação da identidade cultural.

A política de preservação do chamado patrimônio Imaterial, inaugurada com a legislação do decreto 3551/2000, pelo IPHAN, e pelo decreto municipal 21.529/2013 que regula a Lei complementar 363/2011 do Município de Joinville, que tem como suporte metodológico a abertura de livros temáticos, onde acoplados por sua característica principal serão registrados os bens culturais.

Dentre os bens imateriais identificados está o de Lugares e terá como nome “Livro de registro dos lugares” no qual, estarão inscritos “mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”, com a seguinte finalidade: “A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira e joinvilense”.

A ideia exposta no livro de registro dos lugares é essencialmente aquela que será aqui apresentada, como um espaço que pode e traz uma memória coletiva, fundamentada pela realização nele de práticas culturais e que, por isso, deve ser preservado.

2 - Justificativa

Todo lugar possui um significado que o torna singular e definidor de uma identidade, constituída pelas práticas do cotidiano de uma comunidade, além da capacidade que tem de gerar no grupo um sentimento de pertencimento. Isso corrobora a importância do espaço como consolidação de referência e como elemento identitário para o lugar.

Quando falamos da Sociedade Kênia Clube, referimo-nos à existência de uma associação que perpassa pela história e formação de grupos identitários na cidade de Joinville-SC.

O Kênia Clube surgiu a partir da necessidade de um espaço para o encontro e a socialização de famílias negras que viviam na década de 1960 em Joinville. Corroborando esse entendimento, “Seu Risca”, que desde a infância frequenta o espaço,



revela o mote para a fundação do Clube:

[...] É porque acontece que o clube da cidade eram mandadas por pessoas brancas, certo? Então nós tinha pouco acesso pra entrá nesses clube. Como nós tinha uma população negra grande, eles foram muito inteligentes, eu acho assim né, o pessoal, né, na época, vamos fazer um clube pra nós? Aí eles se juntaram uns dez e formaram a diretoria e formaram, daí formaram o Kênia Clube, aí esse clube esse, essa terra, esse salão que tava aqui era de um senhor de origem alemã, alugado, que era quem alugava primeiro era o Seu Zé Cestanho. Quando o Seu Zé Cestanho não era Kênia, não era nada, ele fazia as..., as bailes, essas coisas pra..., pro pessoal negro [...]¹

Dona Zelândia, conhecida como “Fióca”, também explica a razão da criação do grupo: “Por causa do preconceito. Claro, por que não podia entrar. Um negro não podia entrar lá, mas o branco vinha no nosso”².

Pois, “na época tinha muito preconceito, o negro não estava na sociedade branca, o negro não tinha um lugar para fazer festa particular, era em casa, na sociedade o negro não podia entrar”³. Esses depoimentos demonstram a dificuldade de inserção dos negros nos espaços de lazer da sociedade joinvilense, razão pela qual a comunidade negra “da região sul de Joinville canalizou a necessidade de um espaço de lazer e de encontro para a fundação de um clube, cujo objetivo era reunir essa camada da população discriminada” (OSÓRIO, 1996).

Sobre as discriminações raciais, Abadia (2010) aduz que a democracia racial, embora fosse propagada por Gilberto Freyre e amplamente aceita no Brasil, não passou de uma ideologia, que negou a existência do racismo no país e ocultou o peso desigual da valorização cultural dos afrodescendentes brasileiros. No âmbito nacional, servia para tornar invisível a situação em que foram deixados os descendentes dos escravos, após a abolição da escravidão.

É importante ressaltar que a Sociedade Kênia Clube foi criada um dia antes das comemorações da Independência do Brasil, no dia 6 de setembro de 1960. Junto com a Associação surgiu também o time de futebol Senegal, cujos jogadores eram os próprios integrantes do Clube.

Os integrantes do Kênia, ao perceberem que eram tratados de modo diferenciado devido à cor da pele, criam, como estratégia de defesa ante as manifestações preconceituosas e racistas, um espaço também de resistência étnica.

Esses homens e mulheres, que durante a semana eram trabalhadores e trabalhadoras mal remunerados, em sua maioria, operários, donas de casa, domésticas – alguns de classe média – discriminados no trabalho, na escola, mostravam para a sociedade nestas noites dançantes, que o negro mesmo rejeitado e economicamente desprovido, era capaz de realizar bailes luxuosos como o desta sociedade, que não o aceitava pelo simples fato de sua pele ter uma coloração diferente (OSÓRIO, 1996).

¹ Entrevista concedida por Antônio Bernadino Filho. [abr 2015]. Entrevistadores: Alanna F Duarte, Andrea Tessaro, Franciele Camara e Júlio Cesar Sá. Joinville, 2015.

² Entrevista concedida por Zelândia Custódia da Costa. [abr 2015]. Entrevistadores: Alanna F Duarte, Andrea Tessaro, Franciele Camara e Júlio Cesar Sá. Joinville, 2015.

³ Entrevista concedida por Padilha. [abr 2015]. Entrevistadores: Alanna F Duarte, Andrea Tessaro, Franciele Camara e Júlio Cesar Sá. Joinville, 2015.



Os integrantes do Kênia Clube, por meio dos encontros, “reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem e, assim, constroem suas identidades sociais” (MAZOCO, 2007). Antônio Bernadino Filho lembra,

Aí foi comprado o Kênia, dali nós fizemos a Sociedade, que fizemos a Associação Kênia Clube, ficou, foi, fomos de casa em casa e começemo a pegá sócio. Então isso deu um incentivo muito grande porque tinha dia aqui que o senhor precisava ver comé que ficava lotado isso aqui, vinha as família toda, [...] naquele tempo vinha a família toda, vinha pai filho, cunhado. Criança [...] não porque era proibido, nos bailes, mas quando chegava nos bailes de carnaval infantil também vinha as pessoas, trazia os filhos. Era tudo assim, e quando era festa, tinha por exemplo, os bailes de debutante, que era a festa do ano, toda vida foi em maio e tinha o aniversário do Kênia que é dia 6 de setembro, certo? Aí também era casa cheia.⁴

Os fragmentos do passado explícito nas edificações, nos espaços, nas ruas, nos saberes e fazeres de um povo são importantes maneiras de conhecimento de sua história e das suas relações sociais (CRUZ; MENEZES & PINTO, 2008). Esses fragmentos ativam a memória, fazendo com que o passado se mantenha vivo no presente e que se façam projeções para o futuro, por meio das imagens projetadas no imaginário, no momento em que se observam seus monumentos e que manifestações culturais são revividas. Para Carvalho (2007, p. 64) as manifestações culturais são representativas da voz social, e constituem “uma forma subjetiva que o grupo de pessoas encontra para expor seu interior, expressar o que pensam, o que desejam realizar ou modificar.”

Segundo informado por integrantes da Sociedade Kênia Clube, ela é uma das precursoras nas manifestações de Carnaval na cidade de Joinville. No ano de 1968 a Sociedade cria a “Escola de Samba Amigos do Kênia”, que posteriormente passou a denominar-se “Escola de Samba do Kênia Clube” e, a partir de 1986 passou a se chamar como “Príncipes do Samba”. Sendo, atualmente, a “Príncipes do Samba” afilhada da Portela, escola de samba carioca.

Os encontros com os integrantes da Sociedade Kênia Clube vão muito além das domingueiras de bolero, *twisti* e *tcha-tcha-tcha*. Mas também, segundo Alessandra Cristina Bernardino⁵, “[...] com a luta pela igualdade, fizeram do Kênia uma sociedade beneficente, com associados que colaboraram para que fosse realizado desde bailes até alfabetização de adultos”.

Dessa forma, o passado é revivido por meio das manifestações, que mesclam o passado e as experiências do presente. A memória age sobre o presente, contribuindo para a afirmação da identidade.

Entre as práticas culturais destacam-se as rodas de samba, os pagodes, as feijoadas, e o *happy hour* regado a boa música, conversas e caldinho de feijão da Dona

⁴ Entrevista concedida por Antônio Bernadino Filho [abr 2015]. Entrevistadores: Alanna F Duarte, Andrea Tessaro, Franciele Camara e Júlio Cesar Sá. Joinville, 2015.

⁵ Alessandra Cristina Bernardino, historiadora e integrante da Sociedade Kênia Clube. Já foi Presidente da Escola Príncipes do Samba. Depoimento ao Jornal A Notícia. Príncipes do Samba conta a história do Kênia Clube no Carnaval de Joinville. Disponível em: <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/culturaevariedades/anexo/noticia/2013/02/principesdosambacontaahistoriadokeniaclubenocarnavaldejoinville>. 21 abr 2015.

Cida⁶, os ensaios preparativos e as apresentações no Carnaval de rua de Joinville. Para Cunha (2004, p. 79), esses encontros, além de utilitários “expressam a criatividade e características de um povo, fazendo parte, portanto, de sua identidade, representando seu patrimônio cultural.” Nessas ocasiões, as atividades revelam-se como representativas da existência de um grupo, revelando seus traços culturais: “Capoeira foi feita aqui, quero ver mais, os sambas de roda, também foi feito aqui, inclusive o pessoal fazia o, nem faziam lá no palco, adotaram fazer no meio do salão porque dava outro charme, né?”⁷

É importante ressaltar que os lazeres não podem ser considerados elementos sem importância ou frívolos da vida social, pois podem também ser expressão das emoções coletivas, que constituem um “centralidade subterrânea” de um irreprimível “querer viver” (MOESCH, 2002). Como afirma o historiador Julio Rosa (2013), compreender os clubes sociais apenas como “sociedades de lazer” e “recreativas”, seria limitar a capacidade de organização e mobilidade social desses grupos, pois neles estão presentes diversos saberes de resistência e continuidade dos seus valores sociais. Na alegoria da dança, o som dos tambores, a alegria manifesta une os integrantes do Kênia Clube, na ânsia do retorno às origens (BRANDÃO, 2004).

É importante ressaltar ainda acerca da necessidade de o homem ser competente na sua própria cultura. Machado (2014) citando Boaventura de Souza Santos (1995) lembra que essa competência só pode ser alcançada por meio do distanciamento e de vivências em outras culturas. Para Foucault (1984 *apud* MACHADO, 2014, p.30):

Heterotopias são lugares que efetivamente existem, são plenos de vida e significados. São ilhas nas quais a lógica, os valores e a forma de organização destoam no contexto maior no qual está inserido. De certa forma, são opostos às utopias que são caracterizadas por sua potencialidade, por um visa-ser, por uma promessa. Dito de outra forma, enquanto as heterotopias existem efetivamente, as utopias têm uma existência projetada, ainda que, em ambos os casos, as configurações dos espaços sejam negações das condições existentes ou, ainda, a redenção do espaço externo.

Nesse sentido, o Kênia Clube pode ser entendido como heterotopia, já que sua organização, seus valores e suas sensibilidades destoam da ordem estabelecida fora de seus muros. A busca da memória por esse grupo negro é essencial ante as transformações impostas pela globalização, que impele uma cultura cada vez mais homogênea, e provoca um sentido de perda de identidade, do passado e de suas raízes.

Os integrantes do Kênia Clube conquistaram um espaço onde puderam manifestar sua identidade, por meio da herança cultural africana comum, moldando-se às formas institucionais do contexto no qual se encontrava a germânica Joinville. Aliás, Joinville é a maior cidade do Estado de Santa Catarina, sendo que a importância do trabalho e cultura de diferentes grupos que compõem os espaços culturais no município não pode passar despercebidos.

⁶ Maria Aparecida Garcia, integrante do Clube, mãe do atual Presidente do Clube, Deivison M. Garcia.

⁷ Entrevista concedida por Antônio Bernadino Filho [abr 2015]. Entrevistadores: Alanna F Duarte, Andrea Tessaro, Franciele Camara e Júlio Cesar Sá. Joinville, 2015.

Para os integrantes do Kênia, o Clube se reveste de um valor excepcional, como se observa do depoimento:

Eu acho que aqui a nossa sociedade, acho que ela pertence pro povo de Joinville, ela não pertence ao presidente, ela pertence pra todos eles, porque as pessoas que vem aqui eles ficam encantado. Eu convidei, chegou um casal de Curitiba, vieram trabalhar aqui e, nas feijoada, ah, faz muito tempo, faz o quê, uns quatro ou cinco anos atrás e o pessoal começou a fazer essas feijoadas aqui né e eu conheci eles lá, peguei e disse vocês não querem ir no Kênia, nós temos lá a sociedade, tem uns pagodes bons, eu gosto de pagode, então vou te convidar. Tal dia vai tê. Quando cheguei aqui, por minha surpresa, ele tava sentado com a esposa dele ali, e tá vindo até hoje. Então eu acho assim, que o Kênia representa muito pra cidade de Joinville, sabe, eu acho que a cidade de Joinville deveria abarcar o Kênia assim, pegar o Kênia assim [...]⁸

Observa-se no discurso, ainda o sentimento de continuidade, o desejo que as manifestações culturais do Kênia Clube se perpetuem:

[...] e o pessoal que tem poder aquisitivo, o pessoal que tem empresa, que desse uma ajuda pro Kênia, porque eu acho que nós estamos merecendo isso aí⁹.

Ademais, o espaço utilizado para os encontros traz à memória coletiva, fundamentada na realização de práticas culturais comuns e que deve ser resguardado. Nesse sentido, Nora (1993) intitula de apropriação de lugares de memória pela sociedade para a construção de sua identidade o acesso a um lugar compartilhado, como é o caso em tela. O Kênia Clube deve ser considerado, portanto, como espaço onde um grupo social ritualiza a sua memória e se identifica como o clube social dos afrodescendentes em Joinville.

A mobilização em torno do lugar - mais que preservar o espaço - reside na apropriação pelos grupos dos lugares de memória, segundo Nora (1993), na busca pela autolegitimação das práticas e manifestações culturais. Para o autor, face à crise dos paradigmas modernos, o indivíduo moderno cria espaços de memória e com eles se identificam, se unem e se reconhecem agentes de seu tempo. Revela-se, nesse caso, a tão desejada volta dos sujeitos, eis que ela obriga cada um a se lembrar e reencontrar o pertencimento, que o engaja inteiramente.

Reside aqui a motivação para um estudo sobre a importância do reconhecimento do Kênia Clube como patrimônio cultural, eis o elemento unificador do grupo, enquanto espaço de encontro, de resistência étnica, que dá sentido às histórias familiares, bem como comunitárias (OSORIO, 1996), que pode ser reconhecido pelas suas manifestações e pela contribuição para formação da identidade cultural dos afrodescendentes em Joinville.

Nesse sentido, também se identifica que existem práticas governamentais de reconhecimento de espaços e manifestações culturais como a Sociedade Kênia Clube.

⁸ Entrevista concedida por Antônio Bernadino Filho [abr 2015]. Entrevistadores: Alanna F. Duarte, Andrea Tessaro, Franciele Camara e Júlio Cesar Sá. Joinville, 2015.

⁹ Idem.

Em especial pode se citar algumas das ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que visam o acautelamento, a salvaguarda, preservação e promoção do Patrimônio Cultural Brasileiro. Trabalhos como de Godoy e Rabelo (2008), demonstram que o IPHAN atualmente desenvolve um projeto denominado “Comunidades Negras de Santa Catarina”, cuja intenção é mapear as manifestações culturais que possam ser atribuídas à presença e ancestralidade negra no estado e que adquiram pela dinâmica local, um sentido patrimonial, em quaisquer de suas dimensões: arqueológica, histórica, arquitetônica, paisagística e imaterial.

É possível reconhecer que são diversas as memórias e histórias sobre a Sociedade Kênia Clube. Esses “saberes”, que retratam a relação da Associação com a história da cidade, podem ser reconhecidos como “Patrimônio Cultural Imaterial” de Joinville, especialmente por meio de um registro do Clube no “Livro dos Lugares”. A sociedade Kênia Clube tem buscado ser responsável e guardiã de “suas histórias e valores culturais”, dessa maneira não há como cogitar a conservação de bens culturais senão pelo interesse da própria comunidade, a quem cabe decidir sobre seu destino enquanto espaço de memória e manifestação cultural afrodescendentes de Joinville.

3. Localização

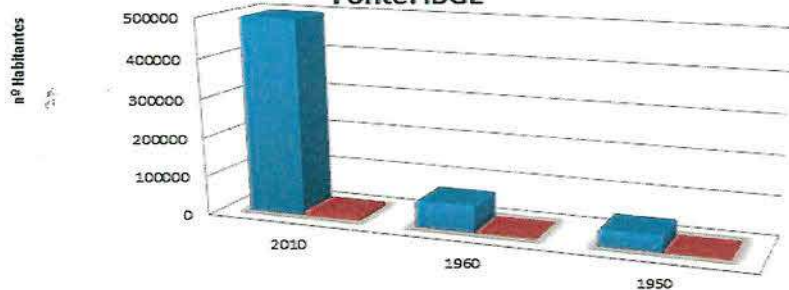
A Sociedade Beneficente Kênia Clube, localizada no município de Joinville-SC, na região sudeste da cidade, no bairro Floresta, na Rua Botafogo nº 255, CEP 89.211-580.

A posição geográfica do Kênia Clube, na zona sul da Cidade, segundo relatos dos seus fundadores, deve-se ao processo histórico de ocupação da cidade. Nesta área existiam fazendas que empregaram mão-de-obra escrava.

Nesse sentido, após a libertação, e ante a ausência de planejamento governamental, os negros passaram a viver próximos das áreas com possibilidade de trabalho. Assim sendo, a zona sul de Joinville, concentrou um número maior de habitantes afrodescendentes. O Kênia Clube surge exatamente quando o percentual de afrodescendentes atingiu um dos maiores índices no município (3,7% em 1960)¹⁰, conforme se verifica no gráfico abaixo:

¹⁰ Dados do IBGE, fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 10/04/2015.

População de Joinville SC
Branco e Negro
Fonte: IBGE



	2010	1960	1950
Brancos	499000	68037	42004
Negros	13000	2650	1330

Imagem 01: População de Joinville, relação entre negros e brancos, censos de 1950, 1960 e 2000¹¹.



Imagem 2: Fachada da Sociedade Kênia Clube, localizado na Rua Botafogo nº 255, Bairro Floresta.

Merece ser ressaltado que, ao longo do tempo, a Sociedade Kênia Clube esteve instalada em outros pontos, até a aquisição da sede na Rua Botafogo, porém o clube sempre esteve no entorno da Rua Santa Catarina.

O fato da população afrodescendente ter se locado nas regiões da zona sul, Leste e extremo Norte, tem muito a ver com o local de trabalho, como já foi mencionado, pois quando da formação da colônia, estas regiões eram fazendas que faziam uso de mão de obra escrava.

¹¹ Fonte: IBGE. <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso 10/04/2015.



Existia uma restrição imperial às terras cedidas para o fomento imigratório e a posterior formação de colônias de populações europeias, que caso fosse averiguado uso de mão de obra escrava, a empresa colonizadora poderia perder a cessão de terras. Estas regras eram repassadas aos colonos que adquiriam lotes. Em seus contratos de aquisição, em caso, de se encontrar utilização de mão de obra escrava, o colono perderia a propriedade de terra, sem nenhum tipo de indenização, e seria expulso da comunidade.

Esta regra marca um receio muito grande dos imigrantes com a presença de afrodescendentes em sua propriedade, no qual foi agravado com as correntes de pensamentos evolucionistas, que colocavam os negros em condições de inferioridade na organização étnica das sociedades e posteriormente as correntes eugenistas, que introduziram uma escala de grupos genéticos melhores, em relação a outros, colocando os grupos negros no ponto mais baixo, acirrando ainda mais os embates e aumentando o segregacionismo, destes grupos étnicos. Como consequência, estes grupos procuravam se juntar em associações de pessoas afins.

Por toda estas ações os afrodescendentes ficaram à margem em Joinville, tanto do ponto de vista geográfico, pois a colônia se organizou a partir das margens oeste do Rio Cachoeira, seguindo uma linha latitudinal imaginária, marcada por mourões de terra, em que toda gleba a oeste deste segmento, pertencia as companhias colonizadoras (de Hamburgo ou Dona Francisca), e por isso, neste espaço geográfico, a permanência do negro não era bem-vista; do ponto de vista social, o negro ficava à margem, porque sofria segregação eugênica, porque os acadêmicos do início do século XX defendiam uma superioridade germânica, a partir da observação dos anglo-saxões.

Estes fatores justificam a posição geográfica em que os afrodescendentes ocuparam na cidade e de certa forma, os motivos da Sociedade Kênia Clube sempre ocupar a Zona Sul.

A identificação como Lugar, demonstra claramente que mesmo com a mudança de endereço, o Kênia não perdeu a característica de reunir os grupos afro em Joinville e difundir a sua cultura, como já foi mencionado anteriormente na manutenção e fomentação do samba, com os trabalhos de percussões relacionados a musicalidade carnavalesca. Posteriormente outras manifestações entraram na vida ordinária do clube, como a capoeira, e os trabalhos com percussões relacionadas as religiões de matrizes africanas.

Atualmente o Kênia se tornou um ponto de referência na cidade para comunidades de novos imigrantes africanos e também haitianos, que são afrodescendentes, se tornando um local da gente preta, porque consegue manter de forma evidente a representação destas culturas.

RECOMENDAÇÃO DA CPC:

No desenvolvimento dessa pesquisa buscou se apresentar algumas memórias e histórias da Sociedade Kênia Clube em Joinville - SC. A instituição foi criada na década 1960, visando constituir um espaço cultural para os afrodescendentes que tinham acesso restrito às outras instituições de lazer e cultura da cidade.

Embora a Sociedade Kênia Clube seja especialmente caracterizada por se constituir como uma "sociedade dançante" com importante contribuição as manifestações do



carnaval local, objetiva-se apresentar nessa pesquisa que a história do Clube está relacionada à situação de restrição aos afrodescendentes durante o século XX de frequentar espaços culturais da cidade, cuja prática era recorrente desde a escravidão e processo de colonização da região. Os afrodescendentes, embora muitas vezes invisibilizados pela sociedade local, buscaram e constituíram diversas práticas de resistência, trabalho e construção de espaços de sociabilidade na cidade. Sendo possível considerar o Kênia Clube como continuidade desse processo de inserção social e interações étnicas presentes na história de Joinville.

As entrevistas realizadas apresentam algumas das memórias de membros da Sociedade Kênia Clube sobre as motivações de criação da Associação, sua organização e atividades culturais. Nessas lembranças, estão imbricados diversos “saberes e fazeres” que envolvem diferentes sujeitos, laços familiares e laços de amizades, assim como, são memórias que representam situações de resistência e modificações que ocorreram ao longo do tempo com as relações étnicas e espaços culturais da cidade. Dessa maneira, é possível reconhecer que a Sociedade Kênia Clube é um importante espaço cultural que pode ser considerado Patrimônio Cultural de Joinville.

Para que o Kênia Clube seja registrado como Patrimônio Cultural de Joinville, recomendamos que sejam formuladas um plano de salvaguarda com a participação dos grupos e segmentos produtores do bem cultural e as ações previstas. Devem conter propostas de ações, que envolvem os órgãos públicos, entidades privadas e também as próprias pessoas do lugar onde a manifestação acontece. Pois isso fortalecerá a consciência e o respeito por tudo aquilo que precisa ser preservado para que o bem continue a existir e, ao mesmo tempo, que se explore o potencial desse bem cultural para o desenvolvimento da região e para a melhoria de vida das pessoas. A SECULT continuará promovendo a documentação de tudo que acontece nas manifestações culturais e a continuar apoiando a existência das práticas. Nosso principal programa de apoio e fomento de projetos culturais é o SIMDEC, que contribui como parceiro no trabalho das instituições e grupos locais para preservar os bens e as práticas que os identificam.

DELIBERAÇÃO DA COMPHAAN: *Aprovada a recomendação da CPC.*

Presidente da Comissão de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Natural do Município de Joinville

Avenida José Vieira, 315 - Centreventos Cau Hansen
Cep: 89204-110 Joinville - SC - Caixa Postal 2051
Fone (47) 3433-2190 - www.joinville.sc.gov.br



DELIBERAÇÃO 075.2022 DA COMPHAAN

Aprova a recomendação

Reprova a recomendação

Considerações:

MEMBRO	SIM	NÃO	ABSTENÇÃO	ASSINATURA
Alessandra Daniela Deud – Representante da Unidade de Aprovação de Projetos da SAMA	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Alexandre Venson Grose – Representante da Unidade de Desenvolvimento e Gestão Ambiental da SAMA	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Antonio Seme Cecyn – Representante do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Dilarimar Maria Costa – Representante do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia – CREA-SC	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Dilney Fermino Cunha – Representante do Arquivo Histórico de Joinville - AHJ	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Falta Just.
Fárida Mirany de Mira – Representante do Centro dos Direitos Humanos – CDH	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Melinda Murray De Mira
Fernanda Mara Borba – Representante do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville – MASJ	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Fernanda Borba
Francisco Ricardo Klein – Representante do Centro de Engenheiros e Arquitetos de Joinville - CEAJ	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Guilherme Augusto Heinemann Gassenferth – Presidente da COMPHAAN	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Falta Just.
Thiago Borges Mendes - Representante do Conselho Municipal de Política Cultural – CMPC	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Ilanil Coelho – Representante do curso de História ou do curso de Mestrado em Patrimônio	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	



Cultural – UNIVILLE				
---------------------	--	--	--	--

Continuação DELIBERAÇÃO 075.2022 DA COMPHAAN

João Eduardo Demathé – Representante da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	falta
Marco Aurélio Chianello – Representante da Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável – SEPUD	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Marcus Vinícius Ramos Filho – Representante da SECULT	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	falta Just.
Maria Claudia Lorenzetti Corrêa – Representante do curso de Arquitetura e Urbanismo de Instituição de Ensino Superior – Católica/SC	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Representante do Sindicato da Indústria da Construção Civil de Joinville – SINDUSCON	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Roberta Meyer Miranda da Veiga – Gerente de Patrimônio e Museus da SECULT	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Presidiu a reunião
Valéria König Esteves – Coordenação de Patrimônio Cultural – CPC	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	